



O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

VIVA O 46º ANIVERSÁRIO DA GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

No dia 7 de Novembro de 1917, a classe operária da Rússia guiada pelo Partido Bolchevique com Vladimir Ilitch Lênine à cabeça pôs fim ao regime de exploradores. Pela primeira vez na história da humanidade surgia um estado operário e camponês, pela primeira vez no mundo se realizava uma revolução que tinha como finalidade acabar com toda a forma de exploração e suprimir toda a espécie de exploradores e opressores; uma nova era se abriu à humanidade: «a era do afundamento do capitalismo e da instauração do comunismo».

A gloriosa classe operária russa apontava a todos os trabalhadores do mundo o caminho da libertação da miséria e da opressão. Sob o impulso da grande Revolução Socialista de Outubro, o movimento operário internacional cresceu e tornou-se mais aguerrido. Os ensinamentos de Marx e Engels eram levados à prática, o estado socialista deixara de ser um mito.

Passados 46 anos após a grande Revolução Socialista de Outubro, a União Soviética, outrora país atrasado, tornou-se uma potência poderosa, marchando na vanguarda da ciência e da técnica. Ela que abriu à humanidade o caminho do socialismo, foi também a primeira Nação a abrir o caminho à exploração do espaço cósmico.

Actualmente o povo Soviético, guiado pelo P.C.U.S., fiel aos ensinamentos de Lênine, constrói o comunismo. A palavra de ordem do Partido é: «Tudo pelo homem, pelo bem do homem».

Os trabalhadores da União Soviética têm a jornada de trabalho mais curta do mundo. Até 1970 será realizada a passagem à jornada de trabalho de 6 horas com um dia de descanso e os impostos à população terão sido abolidos.

Em 1980 estará realizado o programa da construção do comunismo, aprovado no XXII congresso do P.C.U.S. Nessa altura, o povo Soviético desfrutará entre muitas coisas de: instrução gratuita em todos os estabelecimentos de ensino; habitação gratuita; transportes colectivos gratuitos; passagem gradual à alimentação pública gratuita; assistência médica gratuita (já hoje a têm) para todos os cidadãos, inclusive a gratuidade dos medicamentos e do tratamento de doenças em casa; de saúde.

As grandes vitórias do povo Soviético, o ardor com que se dedica à construção da nova sociedade, são o resultado de uma vida livre da exploração e opressão. O povo Soviético sabe que constrói a sociedade mais bela do mundo. No Programa do P.C.U.S. lê-se: «O comunismo é um regime social sem classes, com uma propriedade única dos meios de produção, pertença de todo o povo, com inteira igualdade social de todos os membros da sociedade. Paralelamente ao desenvolvimento harmonioso dos homens ver-se-ão crescer as forças produtivas, sobre a base da ciência e da técnica em desenvolvimento constante; todos as fontes da riqueza social correrão a jorros e assim se realizará o grande princípio: «de cada um segundo as suas capacidades», e a cada um segundo as suas necessidades.»

Foi a Revolução Socialista que abriu caminho a esta sociedade maravilhosa. Por isso se compreendem o entusiasmo e o carinho que os Soviéticos dedicam ao aniversário da Revolução.

Também os trabalhadores portugueses, que vivem em condições difíceis sob o jugo de uma ditadura fascista, vivem com entusiasmo os aniversários da Grande Revolução Socialista, símbolo duma nova era, certeza de que todos os trabalhadores do mundo viverão na socie-

dade mais radiosa: **O comunismo**.

«O Camponês», expressando o sentir das massas camponesas de Portugal, saúda o Povo Soviético pela passagem do 46º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, desejando-lhe grandes êxitos na construção do comunismo.

Trabalhadores do campo! No dia 7 de Novembro comemoremos o aniversário da Primeira Revolução Socialista. Façamos reuniões, lancemos foguetes, etc.

VIVA A GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO!
GLÓRIA AO POVO SOVIÉTICO!

PREPAREMO-NOS PARA AS ELEIÇÕES DAS JUNTAS DE FREGUESIA!

Devem realizar-se em breve eleições para as Juntas de Freguesia. O silêncio do salazarismo sobre este problema indica-nos que o governo se prepara para uma vez mais marcar as eleições de repente, apanhando-nos desprevenidos, procurando assim evitar a acção da oposição.

Os salazaristas sabem que não gozam da confiança do povo e por isso mesmo recorrem aos processos mais baixos para evitar que a oposição actue junto do povo. É por isso mesmo que nós, conhecendo já o carácter do regime nos devemos preparar para a luta, não deixando que os salazaristas cometam toda a espécie de atropelos na campanha eleitoral para as Juntas de Freguesia.

Nas mãos de homens honrados, dispostos a defenderem os interesses das populações locais, as Juntas de Freguesia desempenham um grande papel na solução de problemas que afligem as populações: abastecimento de água, luz eléctrica, abertura de esgotos, lavadouros, etc.

Nós estamos um pouco atrasados, mas, se nos agarrarmos ao trabalho com energia e audácia, venceremos o atraso. A luta exige organização. Devem formar-se comissões locais, que agitem o problema, que organizem listas de candidatos, que elaborem um caderno de melhoramentos e que realizem o que forem capazes de fazer.

As melhorias que eles se propõem realizar devem ser amplamente divulgadas entre as massas.

Devemos aproveitar a campanha para desmascarar o fascismo pelo abandono a que estão votadas as Freguesias, muitas delas necessitadas de coisas essenciais como a água, escolas, estradas etc.

A LUTA PELO CONTRATO EXIGE UNIDADE E ACÇÃO

A luta pela obtenção do contrato colectivo deve ser melhorada. É preciso fazer penetrar nas largas massas a ideia da necessidade e da possibilidade de os trabalhadores do campo conquistarem um contrato colectivo de trabalho.

Nós, como os demais trabalhadores, produzimos riquezas imensas, no entanto muitas vezes nem temos com que enganar o estômago.

Num país como o nosso, governado por um governo representativo dos grandes capitalistas e agrários, os trabalhadores são votados ao mais completo desprezo: a sua vida é de completa miséria. Porém, no conjunto dos trabalhadores portugueses, somos nós, os que nos encontramos em piores condições.

Não temos trabalho assegurado durante todo o ano; não temos direito a um salário mínimo; ainda não temos as 8 horas em todas as localidades; não temos direito ao abono de família e assistência médica, etc. etc.

Nós podemos e devemos modificar esta situação. Enquanto houver capitalistas, não deixaremos de ser explorados; porém, se lutarmos unidos e organizados poderemos arrancar aos capitalistas e agrários melhorias sensíveis nas nossas condições de vida.

O salazarismo nada nos dará de mão beijada, mas através da luta poderemos impôr a assinatura dum contrato colectivo que nos assegure trabalho todo o ano, um salário mínimo de 35\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres, hórrio de 8 horas, abono de família e assistência médica.

Na nossa luta ao longo dos anos temos alcançado muitas vitórias. Impusemos várias vezes melhores jornadas, temos forçado em vários

locais as autoridades a arranjar-nos trabalho e no ano de 1962, apesar da intensa repressão e de toda a espécie de intimidações alcançámos uma vitória de importância nacional: pela primeira vez se conquistava o horário das 8 horas.

Que nos ensinaram as nossas lutas? Ensinaram-nos que possuímos uma grande arma: a unidade e a acção. É a unidade e a acção que dá força aos trabalhadores, é através desta força que nós arrancaremos ao salazarismo o contrato colectivo.

«O CAMPONÊS», mais uma vez exorta os trabalhadores do campo à luta. Nesta altura, em muitas localidades já se recolhem assinaturas para a exposição a enviar ao ministro das corporações, mas tudo o que se fez é ainda muito pouco.

É preciso que se formem rapidamente em todos as localidades comissões de trabalhadores que façam amplas recolhas de assinaturas, que esclareçam, organizem e mobilizem os trabalhadores para a luta, com vista à criação de um movimento de massas capaz de impôr ao fascismo as nossas reivindicações.

A luta pelo contrato não se pode limitar à recolha de assinaturas.

É preciso aliar esta luta à luta por trabalho, por melhores jornadas, pelo respeito do horário das 8 horas. Nas concentrações nas Casas do Povo, junto das autoridades devemos salientar a necessidade, e a urgência de que seja concedido aos trabalhadores do campo um contrato colectivo trabalho.

AVANTE NA LUTA POR UM CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO!

AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS

Montemor-o-Novo - Para o agrário Dionísio Camacho trabalhava um rancho de homens com o horário de 8 horas, mas todos os dias este explorador roubava aos trabalhadores de 15 a 20 minutos. Um trabalhador dirigiu-se-lhe e disse: «De hoje em diante não trabalho mais que as 8 horas», tendo o agrário respondido que os trazia ali só para os amparar e que, se eles não quisessem aquelas condições, parava o trabalho e eles iam apanhar pés de burro. Como ele persistisse no roubo, alguns trabalhadores abandonaram o trabalho.

Na herdade da Romeira trabalhava um rancho de 30 homens na desbasta de sobreiros. O horário era de 8 horas, mas o patrão obrigava-os a trabalhar mais 1/2 hora que, segundo ele, era para pagar à cozinheira.

Na semana seguinte o rancho foi

apresentado com mais trabalhadores e então eles combinaram-se e decidiram abandonar o trabalho, caso o patrão não lhes retirasse a 1/2 hora.

O patrão ao ver que os trabalhadores estavam firmes na sua decisão, resolveu-se a retirar a 1/2 hora e pagar ele à cozinheira.

S. Cristóvão - O agrário Francisco Custódio quis contratar 35 mulheres para mondar arroz na herdade da Caldéia. Como só quisesse dar 15\$00 e não os 20\$00 que elas pediam, as trabalhadoras abandonaram o trabalho, o que obrigou o agrário a reguar e dar-lhes os 20\$00 que reivindicavam.

Escural - O Mira do Poço descarado. Há pouco tempo tentou roubar as 8 horas aos homens que

(continua na 2ª pag.)

AOS CAPATAZES

Os agrários e lavradores lançam os capatazes contra os trabalhadores. Para fugirem ao ódio dos trabalhadores e para criarem, a confusão na classe, pagam por vezes mais «qualquer coisa» aos capatazes para que estes defendam os seus lucros. Por vezes conseguem o seu objectivo, pelo que é necessário esclarecer os capatazes.

Há pouco tempo, no Monte da Pedra — «Alcácer do Sal» —, o capataz Afonso Pinto, apesar de ganhar apenas mais «um escudo», de viver numa casa tapada de palha e de não poder mandar educar um filho de 15 anos que anda já há muito a ser explorado, não hesitou em ir dizer ao patrão «que os homens não davam o rendimento necessário, que 21\$00 não se ganham de qualquer maneira». Trinta homens de idade avançada em resultado disto foram despedidos, e também um jovem, por não consentirem que lhes baixassem o ordenado.

O capataz Afonso Pinto com o seu procedimento contribuiu para que a miséria destes trabalhadores se agravasse, ao ficarem sem trabalho. Pensou talvez ficar mais bem visto pelo patrão, mas amanhã ou depois, verá que o patrão lhe dará o mesmo destino logo que não necessite dele.

Capatazes! Não queiram seguir o exemplo de Afonso Pinto, mesmo que os patrões vos ofereçam mais dinheiro.

As melhores jornas devem ser

conquistada sem luta unida com os trabalhadores e não como resultado de serviços desonestos prestados aos exploradores. Vós, com os demais trabalhadores, sois explorados e viveis na miséria. A causa dos trabalhadores é a vossa.

Preferi ser honrados, a serdes odiados, pelos trabalhadores.

**Um jovem operário agrícola
SÓ MISÉRIA**

Não há terra no nosso país onde a miséria não chegue. O governo fascista, governo ao serviço dos grandes monopólios e agrários vota o povo ao mais completo desprezo. Tanscrevemos hoje uma carta de uma camponesa que, na sua forma simples, nos dá uma ideia clara da vida dos campos.

«Tenho 4 filhos, vivo miseravelmente, não posso mais aguentar esta maldita situação. Eu e o meu marido levamos semanas e meses desempregados sem ganharmos nada para comer e para vestir. Os meus filhos levam os dias a chorar com fome e assim nos vai abalando a saúde dia a dia. O custo de vida sobe assustadoramente, as jornas baixam e o desemprego alastra cada vez mais.

Camaradas! Salazar arrasta-nos à mais cruel situação. Vejo abalar do meu povo dezenas e dezenas de pessoas para os sanatórios. Por isso camponeses, mulheres de Portugal, não podemos consentir que os nossos filhos morram ao abandono. Sigamos o caminho da luta para que possamos conhecer uma vida justa nos nossos lares.»

Uma Camponesa Alentejana.

ANTES MORRER NO CAMPO DA HONRA

QUE MATAR INGLÓRIAMENTE

Francisco de Brito, mais conhecido por **Bui**, era um jovem Algarvio que devido à sua conduta honesta e anti-fascista, granjeou a estima de toda a gente. Por ter sido corredor do Louletano e ter participado na volta a Portugal, era muito conhecido no Algarve.

Os anos passavam-se e «Bui» como tantos milhares de jovens, não podia deixar de se preocupar com a perspectiva da vida militar. Ele sabia que o futuro que o salazarismo oferece à nossa juventude é ir bater-se nos campos de batalha nas colónias. Mas este caminho não estava ele disposto a segui-lo. Quando foi mobilizado para ir para Angola resolveu desertar dizendo: «para Angola é que não vou nem que me matem, matar pretos é que não». Desde então a sua vida passou ser a de um perseguido. Para ajudar a sua mãe, vestia-se de mulher ia trabalhar no amanho de umas territas. Não tens pena de andares nesta vida, perguntava-lhe a mãe? Não, cumprio o meu dever, dever esse que compriro dignamente. A 6 de Julho de 1962, estando a dormir em casa da mãe, a GNR — por denúncia do próprio pai com quem não se dava e que está ao serviço da P.I.D.E — cercou a casa e tentou prendê-lo. A prisão significava para o jovem «Bui» a perda da liberdade e ele não estava disposto a deixar-se prender sem luta. Lutando corpo a corpo conseguiu escapulir-se e pôr-se em fuga. Contudo, a GNR disparou cobardemente, as-

sassinando-o. Mais um crime foi cometido. Todo o Algarve se indignou com esta vileza. Milhares de pessoas se incorporaram no funeral que em todo o trajecto foi acompanhado por forças repressivas que forçaram o carro funerário a seguir a 30 quilómetros à hora para que o povo não pudesse acompanhá-lo. Nem mesmo depois de morto os assassinos pouparam o próprio Francisco de Brito.

Passou-se um ano e no dia do aniversário da sua morte, a campanha do «Bui» foi juncada de flores pela juventude que não o esqueceu nem esquecerá. O seu pai, bem como os assassinos da GNR, também não serão esquecidos.

O jovem Francisco de Brito foi mais uma vítima do regime fascista. A lista dos mártires do nosso povo foi aumentada.

As flores que juncaram a sua campa no primeiro aniversário da sua morte não murcharão; elas serão renovadas pela juventude. Os jovens, o povo do Algarve, sabem que no cemitério de Santa Bárbara de Nexe repousa o corpo de um jovem que não quis ser assassino do povo irmão de Angola.

Que a vida de Francisco de Brito inspire a luta da nossa juventude contra a guerra colonial!

Oiça a Rádio

Foi há perto de dois anos que em Portugal pela primeira vez se ouviu a voz da «RÁDIO PORTUGAL LIVRE», emissora ao serviço do Povo, da Democracia e da Independência Nacional voz que pela primeira vez fugia ao controle da censura salazarista.

O nosso povo passou então, a dispor de uma poderosa arma na sua luta contra o fascismo. Rapidamente sua voz passou a ser ouvida por milhares de Portugueses.

Agora surge uma nova voz ao serviço da luta anti-fascista. «AVOZ DA LIBERDADE», emissora das Juntas Patrióticas, transmitindo todos os sábados das 23,15 em diante, em ondas médias, no comprimento de 320 metros, e na onda CURTA NO COMPRIMENTO dos 25 metros.

«Rádio Portugal Livre» transmite diariamente em ondas curtas das 19 às 19 e 30 na banda dos 32 metros e das 23 e 30 às 23 e 30 na banda dos 36,40 e 43 metros.

(continuação da 1ª pag.)

AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS

trazia no carregamento do pão, mas eles abandonaram o trabalho, tendo-os acompanhado o tractorista.

O Mira foi falar a outros trabalhadores e a um tractorista, a Odilvelas, pela jornada de 40 e 50\$00 e o horário de sol a sol. Passadas duas semanas baixou a jornada para 30\$00, mas também estes trabalhadores abandonaram o trabalho, não se deixando roubar pelo Sr. Mira.

Pias — Nesta terra há muito desemprego, bem como em quase todo o Baixo e Alto Alentejo. Ainda há pouco o próprio jornal diário «O Século» falava da situação difícil em que se encontravam os trabalhadores do **Torrão** devido ao desemprego.

Os agrários aproveitam-se desta situação para pagar jornas muito baixas e roubar-nos o horário das 8 horas.

TRABALHADORES DO CAMPO! Lutemos contra o desemprego e a fome, concentremo-nos nas Casas do Povo, junto das autoridades etc, e exijamos a abertura de trabalhos. Exijamos o respeito pelo horário das 8 horas.

**OS COLONIALISTAS PORTUGUESES
Serão escorraçados das colónias**

Salazar continua obstinadamente a querer manter as colónias portuguesas. Cego à evolução dos tempos, julga que poderá deter a marcha da história.

Apesar de os fascistas terem anunciado há muito que tinha acabado a guerra de Angola, todos os dias nos chegam notícias de que não é assim. Na Guiné dita «portuguesa» os patriotas alargam e reforçam, a sua luta criando sérias dificuldades aos colonialistas portugueses.

A carta que transcrevemos a seguir, enviada há pouco da Guiné por uma portuguesa que vive lá há alguns anos, é bem elucidativa.

«Amiga, não há-de tardar muito que a Guiné passe para as mãos dos seus naturais. Tenho as malas feitas à espera de um momento para o outro de ser internada num campo de reabilitação e não sou só eu que penso assim. Esta ideia está de tal modo enraizada nas pessoas conscientes, que há casos como este: Tenho andado a tratar da boca e o médico disse-me: a senhora tem um dente que ainda podia ficar, mas como estão as coisas aconselho-a a tirá-lo porque depois não sabemos se tem possibilidades de o tirar, isto é, no dito campo não deve haver quem tire dentes. A Guiné está metade nas mãos dos seus legítimos donos, que lutam com uma tática e uma organização tão perfeitas que não restam dúvidas quanto ao pouco tempo que faltará apanharem o resto.

Isto não é Angola, é pequeno e todas as pessoas sabem bem o que querem. Como sabes o nível de vida do povo da Guiné francesa e do Senegal é muito mais elevado e desde há séculos que a imigração era em massa à procura de vida menos dura e onde podiam educar-se; são assim os naturais da Guiné. Sabes o que se passava com a

CUF: fazia empréstimos aos pequenos fazendeiros para as plantações e depois comprava-lhes as produções a preços que a própria CUF fixava, tirando lucros fabulosos. Agora já não fazem esses empréstimos e os armazéns desapareceram. Os empregados fazem pressão para serem transferidos para Portugal. Há vários casos em que não querem dar a transferência, mas os operários despedem-se e vão-se embora com as despesas a seu cargo. Hoje só existe a fábrica.

O próprio povo Guineense onde não chegou a guerra recusa-se a vender comer e outras coisas. Constantemente se vê senhoras a pedir a miúdos de cor para lhes irem comprar essas encomendas se as querem comer. O massacre de que têm sido vítimas só lhes espicassa o ódio. A aviação portuguesa bombardeia constantemente a parte ocupada pelos naturais da Guiné. O próprio exército está consciente do que vai acontecer e todas as famílias dos oficiais têm regressado a Portugal e as casas transformadas em quartéis, mas não pensam os senhores oficiais que na Guiné vão ser tratados com todas as honras militares como foram na Índia. Não, aqui é diferente, é o povo oprimido e massacrado, que luta com armas na mão para expulsar os exploradores usurpadores e carrascos de vários séculos.»

NÚMERO 100

É já no próximo número que o «O CAMPO» atinge o número 100. Trata-se de um grande acontecimento na vida do nosso jornal. A redacção pensa dedicar esse número à vida de «O CAMPO» ao longo destes 17 anos de publicação.

Convidamos todos os leitores amigos a mandarem-nos colaboração. Se o fizerem a nossa tarefa será grandemente facilitada.

OS SEAREIROS DO VALE DO SORRAIA

A vida dos pequenos e médios seareiros de tomate desta região torna-se cada vez mais sombria. Durante anos e anos esforçam-se no amanho da terra, sempre na ânsia de amealharem alguma coisa, sempre na esperança duma vida melhor. Porém todos os esforços parecem ser inúteis, muitos arruinam-se e os que se vão mantendo levam uma vida desgraçada.

Como podia ser de outro modo se a terra não lhes pertence e ainda por cima vivem sob o jugo de uma ditadura fascista que apenas favorece os capitalistas e agrários?

Os donos das terras exigem-lhes rendas elevadíssimas, 4 a 5 contos por hectar e os adubos e inseticidas são vendidos a preços exorbitantes. Por fim, têm pela frente os senhores da fábrica de tomate de Coruche, que os rouba descaradamente.

A fábrica recolhe toda a produção de tomate da região de Coruche, fixando ela mesma os preços a que os seareiros se terão que sujeitar. Ainda por cima, os pequenos e médios seareiros raramente conseguem que os senhores da fábrica lhes classifiquem o tomate como de primeira. Quase todo lhes é pago como de segunda e pelo considerado refugo nem um tostão recebem. Entretanto, os seareiros vêm tomate igualzinho ao seu ser pago como se fosse de primeira. Trata-se do tomate vindo das herdades dos agrários. Tudo isto enche de indignação os seareiros, lhes torna a vida um pesadelo quando chega o fim de cada colheita.

Pequenos e médios seareiros do Vale do Sorraia! Não vos deixeis roubar. Unidos exigei que vos seja pago o justo valor dos vossos produtos. Organizai-vos e lutai contra o fascismo, pela instauração de um governo democrático que realize uma reforma agrária, que entregue a terra a quem a trabalha.